



A ORALIDADE PRESENTE NA OBRA “EL HABLADOR”

ALINE MOURA DOMINGUES¹

MAURÍCIO AIRES VIEIRA²

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise da questão da oralidade na obra “El Hablador” de Mario Vargas Llosa (1987). Tendo como referencial teórico Antônio Cornejo Polar (1994) com a questão da oralidade e Ernesto Martín Ghioldi (2007) com a questão das misturas de cultura, dos elementos da natureza contrapondo com o mundo moderno. Segundo Polar (1994: 371) “Oralidad es uno de los fantasmas ubíquos que recorren actualmente los estudios sobre las prácticas culturales”. É relevante esta análise da oralidade, pois existe um narrador fictício que fala de si mesmo e outro que fala de outro personagem que se configura na história.

Palavras chaves: Oralidade. Cultura. Hablador.

Resumen: Este trabajo presenta un análisis de la cuestión de la oralidad en la obra *El hablador* de Mario Vargas Llosa (1987). Tendo como referencial teórico Antonio Cornejo Polar (1994) con la cuestión de la oralidad y Ernesto Martín Ghioldi (2007) con la cuestión de las mezclas de la cultura, de los elementos de la naturaleza contrapunto con el mundo moderno. Segundo Polar (1994: 371) “Oralidad es uno de los fantasmas ubíquos que recorren actualmente los estudios sobre las prácticas culturales”. Es relevante este análisis de la oralidad pues existe un narrador ficticio que habla de sí mismo y otro que habla de otro personaje que se configura en la historia.

Palabras-llave: Oralidad. Cultura. Hablador.

Considerações iniciais

Este trabalho aborda uma análise da questão da oralidade na obra *El Hablador* (1987) de Mario Vargas Llosa que no primeiro “hablador” corresponde ao próprio autor fictício como podemos perceber em: “vine a Firenze para olvidarme por un tiempo del Perú y de los peruanos y he aquí que el malhadado país me salió al encuentro esta mañana de la manera más inesperada (1987: 3)” e o segundo “Hablador” refere-se a um contador de histórias que é o Saúl Zuratas que conta histórias de sua vida como é neste caso :

“Todo había comenzado, me contó en alguna ocasión, con un viaje a Quillabamba, en Fiestas Patrias. Había ido allí invitado por un primo hermano de su madre, un tío

chacarero, emigrado de Piura a esas tierras, que también comerciaba en maderas [...]. Toda una noche me estuvo relatando, entusiasmado, lo que fue para él cruzar en balsa el Pongo de Mainique, donde el Urubamba, apretado entre dos contra fuertes de la cordillera, se tornaba un dédalo de rápidos y remolinos” (1987:8).

Para tanto utilizaremos fragmentos dos textos de Polar (1994) e Ghioldi (2007) para ressaltar as possibilidades que a obra oferece. A relevância do estudo partiu da questão da oralidade entre os dois “habladores” existente na obra: se é um personagem que fala de sua história no passado ou se é um personagem que fala da influência da modernidade nas tribos existentes na novela de Llosa (1987).

Segundo Polar (1994: 371) “Oralidad es uno de los fantasmas ubícuos que recorren actualmente los estudios sobre las prácticas culturales”. É uma das formas de conhecer ou vivenciar experiências entre outras culturas e também sempre recordar de uma origem ou uma identidade de um passado presente. É relevante esta análise da oralidade, pois existe um narrador que fala de si mesmo e outro personagem que se apresenta na história.

1. A oralidade no “Hablador”

A importância de estudar a oralidade segundo Polar (1994: 372) é “Cabe estudiarla siempre, pues, en su relación, con el sistema de comunicación hegemónico”. De diversas maneiras, “oralidade” vem sofrendo um impacto, mudando ao mesmo tempo, ficando em uns espaços “vedados”. A obra é centrada na oralidade dos “habladores” e Cornejo Polar traz algumas questões que implicam esta abordagem. A oralidade antigamente era muito utilizada, pois não havia a escrita era somente através da oralidade que existia a comunicação.

Na obra “*El Hablador*” no primeiro parágrafo Llosa (1987) apresenta:

[...] una vitrina me paró en seco: arcos, flechas, un remo labrado, un cántaro con dibujos geométricos y un maniquí embutido en una cushma de algodón silvestre. [...] me devolvieron, de golpe, el sabor de la selva peruana. Los anchos ríos, los corpulentos arboles, las frágiles canoas, las endeble cabañas sobre pilotes y los almácigos de hombres y mujeres, semidesnudos y pintarrajeados, contemplándome fijamente desde sus cartulinas brillantes. (1987:3).

Ao deparar-se com uma vitrine o narrador fictício se viu em uma tribo que ele esteve no passado. Por meio das fotografias, ele havia reconhecido o lugar. Com este “golpe” sua identidade foi recordada, ou seja, o sabor da selva peruana. Este golpe aconteceu no passado, que veio em sua memória, como se estivesse voltando ao lugar onde presenciou os costumes da tribo.

“Desde las primeras fotos había reconocido los claros donde se alzan Nueva Luz y Nuevo-no hacía tres años había estado en ellos – e, incluso, al ver una panorámica del último de estos lugares, la memoria me resucitó en el acto la sensación de catástrofe con que viví el aterrizaje acrobático que hicimos allí, aquella mañana, en el Cessna del Instituto Lingüístico, esquivando niños machiguengas” (LLOSA, 1987:4)

Estas fotografías vistas na vitrine tocam o seu interior e o elemento que toca o seu passado é:

“La fotografía que esperaba desde que entré a la galería, apareció entre las últimas. Al primer golpe de vista se advertía que aquella comunidad de hombres y mujeres sentados en círculo, a la manera amazónica – parecida a la oriental: Las piernas en cruz, flexionadas, horizontalmente, el tronco muy erguido -, y bañados por una luz que comenzaba a ceder, de crepúsculo tornándose noche, estaba hipnóticamente concentrada” (LLOSA, 1987:4).

A questão que esta citação apresenta, é o espanto do narrador fictício, de como este Malfatti conseguiu bater essas fotografias de estes homens e mulheres com uma perfeição que parecia que era real. O reflexo deste golpe mostra o contato direto com a sua cultura e o autor Ghioldi (2007) fala sobre os grupos culturais diferentes. Ghioldi (2007) apresenta que:

“El contacto directo y continuo de grupos culturales diferentes plantea un diálogo complejo en el que la adopción y integración de elementos de otra cultura se ve condicionada por los patrones culturales del grupo. Estos patrones otorgan su propio sentido a los rasgos adoptados [...]. (2007:107).

Os elementos que formam as culturas são distintos, pois cada um carrega consigo sua identidade, sua marca. Llosa (1987) mostra que ao deparar-se com as fotografias e suas replicas de vivencia “devolvieron de golpe el sabor de la selva peruana”, chamou atenção que estas não sofreram transformação nenhuma, a modernidade não influenciou e não modificou a essência de uma cultura indígena.

1.1 Narrador que escreve

Na obra *El Hablador* (1987) existe um narrador que é uma ficção de Llosa que é o narrador que escreve e o outro é um contador popular que é o narrador que fala. Em este parágrafo vamos falar do narrador fictício. Este narrador fictício tem como lugar a cidade italiana Firenze e Lima capital do Peru. A cidade de Firenze fez parte de sua história como apresenta:

“pero ahora, aquí, en Firenze, mientras recuerdo y tomo apuntes, ese episodio adquiere retroactivamente una significación grande. Aquella simpatía, solidaridad, hechizo o lo que fuera, había para entonces alcanzado un clímax y cambiado de naturaleza” (1987:14).

Para o narrador que escreve seu espaço é limitado, pois sua cultura moderna é que buscava em sua personalidade. O que mudou, foi quando saiu da selva peruana para viver em um mundo moderno, tentando esquecer o Peru.

Ao deparar com uma vitrine de fotos de sua tribo, fez relembrar de sua origem. Más também estas fotos podem ser ficção, pois o narrador tem uma visão muito perceptiva ou detalhista com respeito às imagens como se as fotografias estivessem vida. Ao mesmo tempo ele se depara com objetos “tamboriles y bombos de piel de mono. flautas de caña y una especie de pífano” que faz

recordar o lugar.

[...] fue sólo ya al final, cuando buscaba un hueco en la conversación para despedirme, que, de manera casual, surgió el asunto que, a distancia borra todos los otros de esa noche y es seguramente, la razón de que yo dedique ahora mis días de Firenze, no tanto Dante, y el arte renacentista, sino a entretejer los recuerdos y fantasías de esta historia. (LLOSA: 35-36).

Aqui o narrador que escreve fala de sua memória do lugar que visitou em sua vida. Ele não busca esta identidade, características de seu lugar de origem, recordando de como era viver naquele lugar. O “Hablador” que escreve apresenta um mundo de modernidade, pois quando vinha da cidade de Firenze, onde fala de arte moderna, de vitrines, de sua imaginação de um lugar perfeito para viver. Mas também faz uma busca incessante em seu interior para lembrar-se de sua origem, de seu lugar, de sua terra.

O afeto que o narrador causou com a narrativa é que existe um efeito de expectativa, pois o leitor fica curioso para descobrir no final do livro quem é este narrador, quem é o sujeito fictício, onde vive se é tudo uma imaginação das letras, em uma história fictícia.

1. Narrador “Hablador”

O narrador que é o narrador-“Hablador” que se apresenta como Saúl Zuratas que também é conhecido como Mascarita, filho de judeu com uma crioula na obra podemos identificar uma mistura nas raças existentes:

“- Mi mamá era una criollita de Talara que el viejo se levantó al poco tiempo de llegar como refugiado. Parece que la tuvo arrejuntada nomás, hasta que nací yo. Sólo entonces se casarón. ¿Te imaginas lo que es para un judío casarse con una cristiana, con lo que llamamos una goie? No, no te lo imaginas.” (LLOSA, 1987:5).

O narrador dois é considerado uma pessoa que tem em seu sangue uma mistura de raças, pois a construção da sua família se dá em judeu com uma crioula como mostra a citação. Então podemos dizer com a construção da família teve uma mistura das religiões sendo que seu pai judeu teria que ir a sinagoga. O pai e o filho viviam sozinhos, pois sua mãe já havia falecido então Mascarita prestava os bons cuidados com o seu pai mostrando todo o seu carinho, amor, respeito e dedicação.

A oralidade do narrador se apresenta no momento em que ele conta histórias, crenças e costumes com muitos detalhes e com muita perfeição das tribos indígenas para o “Hablador” que escreve e para identificar isso no texto em que o narrador que escreve se encontra escutando suas histórias:

“[...] yo estaba echado en su cama y él sentado en un baúl, con un lorito en el hombro [...]. Los dibujos de sus utensilios y sus cushmas los tatuajes de sus caras y cuerpos, no eran caprichosos ni decorativos, compadre. Eran una escritura cifrada que contenía el nombre secreto de las personas y formulas sagradas para proteger los objetos del deterioro y el maleficio que a través de ellos podía llegar hasta sus dueños.” (LLOSA: 7).

Este “Hablador” passa a viver e se adapta a um mundo indígena como o se fosse seu, tinha um bom humor, ele sabia sair das situações de provocações, a cultura indígena está muito presente em sua vida. Ele vivia na cidade, mas defendia os costumes dos índios e também era preocupado com a questão da natureza, da pesca, presente na obra.

“- la pesca con explosivos, por ejemplo. Se supone que está prohibida. Pero, anda y mira, compadre. No hay río o quebrada en toda la selva de los serranos y los viracochas – así nos llaman a los blancos – no ahorren tiempo pescado al por mayor, con dinamita. ¡Ahorren tiempo! ¿Te imaginas lo que eso significa? Cartuchos de dinamita pulverizando día y noche los bancos de peces. Las especies están desapareciendo, viejito. (LLOSA, 1987: 10).

O narrador “hablador” tinha a capacidade de contar e defender as histórias que em sua memória guardava e também a sobrevivência da cultura e seus costumes, da pesca indígena. Este narrador produz um efeito de curiosidade de querer saber a respeito da história dos machiguengas. Pois através de ele, que a história é desenrolada e é através do personagem que as pessoas da cidade puderam conviver com uma pessoa que tem uma mistura em sua raça. O narrador por não ter as características do povo branco, por ser essa mistura sofreu preconceitos, mas mesmo assim, ele compartilhou suas histórias.

Conclusão:

A narrativa é carregada de histórias que envolvem sentimentos familiares, de lugares vividos em algum momento da vida dos personagens da obra. Na história existem dois mundos: o mundo da oralidade com o narrador “Hablador” que descreve todo o que acontece em sua volta, em suas viagens, em suas vivências e o outro que é o “Hablador” que escreve que registra todas essas histórias faladas por o outro “Hablador”.

A obra trabalha o realismo mágico como mostra no artigo com o título “El hablador de Mario Vargas Llosa: Do realismo mágico a posmodernidade de Emil Volek (2013): “[...] el hablador del realismo mágico clásico (de Carpentier). No realismo mágico, a vida cotidiana dos indígenas está sublimada y existe só em função do mito tradicional ou da visão poética ou alegórica (VOLEK, 2013: 4), pois existe a capacidade de mostrar o contato das situações diárias com a vida dos indígenas.

Isso faz com que o narrador pode ir além de sua imaginação, pode imaginar várias situações, modificar as paisagens, ver a vida do seu modo. Assim, o narrador “Hablador” faz uma mistura de dois mundos distintos “duas culturas” dando vida aos dois personagens que se juntam no final da história mostrando a capacidade da pluralidade dos personagens e histórias que se misturam nos contextos apresentados.

Referencias:

CORNEJO POLAR, Antonio. In: Revista de Crítica Literaria Latinoamericana. Lima/Berkeley, Nº40: 1994:368-371.

GHIODI, Ernesto Martín. *Situaciones de transculturación a través de expresiones artísticas en concierto barroco de Alejo Carpentier*. Argentina 2007: 105-119.

HERNANDES, Judith Gertrudis Trigoso. *Mario Vargas Llosa e seus narradores: o falador e o escrevinhador em El hablador*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2007:95p.

VARGAS LLOSA, Mario. *El hablador*. Barcelona: editorial Seix Barral 5ª edición, 1997.

VOLEK, Emil. In: Portal digital El Puente de las Palabras. *El hablador de Mario Vargas Llosa: Del realismo mágico a la postmodernidad*. Universidad de Arizona, 2013: 1-6.

Artículo: Yolanta Montalvo Aponte: *La oralidad en el hablador de Mario Vargas Llosa* 287-294.

¹Acadêmica do 9º semestre do curso de Licenciatura Letras da Universidade Federal do Pampa Campus Jaguarão. Bolsista do Programa de Educação Tutorial Pedagogia. e-mail: alinemouradomingues@gmail.com

.

²Diretor e Professor da Universidade Federal do Pampa Campus Jaguarão, Tutor do Programa de Educação Tutorial Pedagogia. e-mail: mau.vieira@yahoo.com

.br

³Eixo 18. Formação de Professores. Memória e Narrativas.

Recebido em: 29/06/2014

Aprovado em: 30/06/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: